



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 3**

Juventudes e Agroecologia



## **A inserção da juventude na agroecologia: militância e mudanças geracionais**

*The insertion of youth in agroecology based on militancy and generational changes*

BETTO, Janaina<sup>1</sup>; MARCON, Gian<sup>2</sup>; COGHETTO, Franciele<sup>3</sup>; CRODA, Jéssica<sup>4</sup>

UFSM, Santa Maria-RS, <sup>1</sup>janaina.btt@hotmail.com; <sup>2</sup>marcongian32@gmail.com;

<sup>3</sup>francogheto@gmail.com; <sup>4</sup>jessica.croda@hotmail.com

### **Tema Gerador: Juventudes e Agroecologia**

#### **Resumo**

Nas últimas décadas tem sido cada vez mais notório o reconhecimento da juventude rural e de sua importância para a continuidade da agricultura familiar. O artigo busca fazer inferências sobre aspectos presentes nas relações sociais de produção e a agroecologia, à luz de questões de gênero, geração e militância. Para tanto, foi feita uma entrevista, análise de documentos e bibliografia. Se percebeu que a militância dos membros da família e o processo de diálogo permitiram uma construção e prática mais horizontal para desenvolver um sistema produtivo alternativo, onde tradições e costumes se tornam mais flexíveis para que ocorra uma real inserção da juventude, demonstrando a importância de romper com hierarquias para a juventude se sentir parte do processo.

**Palavras-chave:** jovens; geração; gênero; movimento social.

#### **Abstract**

In the last decades, it has become increasingly evident the recognition of rural youth and its importance for the continuity of family farming. The article tries to make inferences about aspects present in the social relations of production and agroecology, in the light of questions of gender, generation and militancy. It was from the Interview, document analysis and bibliography. It was noticed that the militancy of the family members and the process of dialogue allowed a more horizontal construction and practice to develop an alternative productive system, where traditions and customs are made more flexible so that a new way of doing agriculture would allow a real insertion of youth, it is necessary to break with hierarchies so that the youth feel part of the process.

**Keywords:** youth; generation; genre; social movement.

#### **Introdução**

Atualmente, no interior do Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina, a juventude tem ganhado maior visibilidade enquanto ator político. O movimento vem realizando encontros específicos voltados para as jovens, principalmente a partir da década de 2000, período em que o debate em torno de um modelo de agricultura alternativo referenciado na agroecologia também se destaca.

O presente artigo foi construído a partir de reflexões realizadas em estudo anterior sobre trajetórias de jovens dirigentes do MMC/SC. Entre as trajetórias analisadas, uma em particular ofereceu elementos para uma nova reflexão, sobre olhar a agroecologia



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



a partir de mudanças geracionais na família rural, envolvendo aspectos produtivos, mas principalmente sociais. Objetivou-se então nesse artigo refletir sobre relações sociais de produção e agroecologia, a luz de questões de gênero, geração e militância.

A jovem em questão faz parte de uma geração de dirigentes que são designadas como as *jovens camponesas* do MMC/SC, assim consideradas devido ao momento em que se engajaram e passaram a fazer parte da direção do mesmo e pela posição que ocupam dentro de suas famílias. A jovem militante a qual se refere o estudo é filha de pequenos agricultores, viveu a maior parte de sua vida no meio rural de Santa Catarina. Atualmente, contribui com sua família no desenvolvimento de atividades produtivas na perspectiva da agroecologia.

### **Gênero, geração e militância: aspectos e mudanças a partir de um rural vivido**

Para Brumer e Paulilo (2004) a noção de gênero abrange a ideia de que a sociedade, por razões culturais, sociais, econômicas e políticas atribui diferentes papéis a ambos os sexos. No entanto, se reconhece o trabalho historicamente realizado pelas agricultoras como essencial em diversas esferas da vida, sobretudo, para a sobrevivência e reprodução das famílias do campo. Além dos resultados e benefícios que são visíveis aos olhos através do desenvolvimento dessas atividades, o trabalho desempenhado pelas agricultoras é fundamental e tem ligação direta com questões ligadas a segurança alimentar e conservação da biodiversidade.

Mesmo diante dessas afirmações, que ressaltam as várias nuances da importância da mulher no meio rural, as relações de gênero hierárquicas e históricas nos dão evidências concretas de que a desvalorização do trabalho reprodutivo e a invisibilidade do trabalho produtivo das agricultoras, ainda são perclitantes. Diante disso, entende-se que a dimensão de poder concebida conforme as diferenças percebidas e que constituem relações sociais de gênero hierarquizadas também estão presentes na organização do trabalho no meio rural e, conseqüentemente, em outras questões como padrões de herança, poder de decisão dentro da família, acesso a renda e a terra. A experiência da jovem levou a identificação de que desde muito cedo ocorre a construção de uma perspectiva de dureza na vida no campo, sobretudo por uma posição dentro da família que vinha se reproduzindo entre as mulheres, de forte dependência e restrições econômicas e socioculturais. Diante disso, suas perspectivas, por muito tempo, traziam as influências de hierarquias que atribuem a essas jovens diferentes papéis e posições na família.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



A partir do contato com o MMC/SC novas percepções emergem. No caso em questão, a família, principalmente na figura materna, possibilitou a jovem o contato desde cedo com o movimento e conseqüentemente com opiniões, explicações e justificativas de um conjunto de mulheres sobre a condição de vida da mulher com base nas suas experiências de militância. Desta forma, ver a vida e sua condição a partir de uma perspectiva crítica e com base em elaborações políticas faz parte da trajetória da jovem em questão.

Cabe salientar a particularidade do engajamento das jovens a partir da década de 2000, visto que segundo o próprio relato da jovem, foi possível entender melhor o movimento a partir de sua participação em encontros específicos realizados para as jovens, iniciando sua participação a partir dos anos de 2004 e 2005. Para ela, esses espaços específicos com jovens eram especiais, pois traziam em sua construção a busca por trabalhar a realidade de vida das jovens do campo. Assim, em sua trajetória, a jovem identifica ter sido a partir da inserção em espaços como estes que inicia uma participação autônoma no movimento de mulheres.

Nesse sentido, também é interessante observar a relação entre a emergência do reconhecimento de juventude e do debate sobre modelo de agricultura alternativo a partir da década de 2000. Nesse período, a construção de um modelo de agricultura a partir da ótica das militantes do MMC/SC passa a ter aproximação com a agroecologia e, ao mesmo tempo, em consonância a esse processo emerge o debate sobre juventude e participação política. Essa confluência pode ser percebida a partir da temática do 4º Encontro Estadual de Jovens do MMC/SC (2006) com o tema “*Missão da Juventude na Construção do Projeto Popular – Gênero e Agroecologia*”.

Para as mulheres organizadas no MMC/SC o processo de resignificação a partir do debate de modelo alternativo de produção não se dá apenas no sentido produtivo, mas principalmente no âmbito das relações envolvidas. Relatos de lideranças do MMC/SC deixam perceptível novos significados que buscam atribuir para as relações sociais entre homens e mulheres, relações sociais de produção no espaço rural e para a relação com a natureza. Assim, é perceptível para as mulheres organizadas no MMC/SC uma maior centralidade a um projeto de agricultura que considera o espaço rural enquanto um espaço de vida e de diversidade, para além das questões produtivas.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



## **A experiência para além de aspectos produtivos: elementos para compreender a relação entre processo sucessório e agroecologia**

Para Aguiar e Stropasolas (2010) a condição ou não de ser sucessor dentro da propriedade familiar interfere na situação do jovem dentro da unidade. Nesse sentido, essa condição seria capaz de determinar diferentes formas de inserção e de interesse na relação com a própria propriedade e com o trabalho familiar, pois o fato de não ter essa perspectiva pode afastar e causar desinteresse.

Nesse sentido, Stropasolas (2006) também observa que ao se ouvir os jovens e buscar entendê-los, os mesmos demonstram um sentimento de quem busca um lugar e um papel na sociedade: *obter uma identidade social, uma vontade de afirmar a dignidade do lugar que se ocupa no mundo social* (STROPASOLAS, 2006, p. 171). Com isso, cabe salientar que além da forte dependência financeira e em relação à figura paterna, o que ocorre geralmente é a hierarquização dos papéis dentro da família que tende a destituir as jovens de uma identidade profissional enquanto agricultoras. Segundo Aguiar e Stropasolas (2010), por vezes, para as jovens dar continuidade aos estudos significa ter uma profissão e ter reconhecimento profissional, condição que se coloca necessária para alcançar reconhecimento social, visto que para a jovem conquistar reconhecimento social de agricultora, historicamente apenas casando com um agricultor.

Conforme entendido a partir da experiência da jovem em questão, sempre foi muito forte a ideia de que o campo não era um lugar rentável para ela, que queria trabalhar para ter dinheiro e uma autonomia financeira. Entre os principais motivos era o difícil diálogo familiar para conseguir fazer algo em casa, pois sempre coube ao seu pai cuidar e administrar todo o dinheiro, mesmo que a realidade demonstrasse que todos da família trabalhavam. Para Stropasolas (2011), dentre os principais conflitos intergeracionais estão os ligados ao modelo de gestão da propriedade centrado na figura paterna, na dificuldade dos pais em considerarem as ideias e inovações propostas pelos filhos, além da resistência em permitir que os jovens desenvolvam seus próprios projetos e participem das tomadas de decisões que envolvem a propriedade, consequentemente na autonomia financeira e liberdade feminina (STROPASOLAS, 2011, p. 27).

Segundo Aguiar e Stropasolas (2010), é bastante comum no ideário das jovens a ideia de que sair da casa dos pais é passo fundamental para que consigam conquistar autonomia frente a família e principalmente à autoridade paterna. Assim, também se evidencia que para a jovem, a busca pela autonomia financeira é uma questão central na tomada de decisão de permanecer ou sair do campo, principalmente quando há dificuldade de ver no campo um lugar rentável e quando a busca pelo diálogo familiar



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 3**

Juventudes e Agroecologia



para pensar a inserção do jovem é difícil. Nesse sentido, entende-se que as mulheres historicamente não são preparadas, nem estimuladas a se envolverem ou se interessar pelas questões produtivas e de gestão e, por vezes, acabam aceitando como natural o fato do sucessor estar na figura masculina (STROPASOLAS, 2011).

Neste caso, foi possível perceber, além das continuidades e das perspectivas que por muito tempo prevaleceram, que a partir da militância e de mudanças geracionais ocorreram muitas modificações (e rupturas), principalmente ao se tratar de transformações que escancaram a face “perversa” de um modelo alicerçado no coletivismo interno familiar. Com isso, observa-se que ganha destaque a experiência individual sistematizada nesse artigo, pois a jovem em questão contribui com sua família no desenvolvimento de atividades produtivas na perspectiva da agroecologia. No entanto, a mudança nas relações de poder dentro da família foi crucial para tanto, pois foi o que a animou para continuar: ter participação na tomada de decisões, ter divisão igualitária do trabalho e ter a renda dividida em partes iguais entre os membros, o que permite ter autonomia financeira (Entrevista jovem – 29/08/15).

Mesmo assim, a jovem relatou que a mudança na forma de conceber o trabalho familiar e a contribuição dos diferentes membros da família não foi um processo fácil e isento de contradições. Dentro da sua família, isso só ocorreu depois de muitos anos de insistência da mãe (militante do MMC/SC) e com o reforço trazido a partir da sua própria militância. O debate sobre a agroecologia faz parte das bandeiras que o MMC/SC defende e do Projeto de Agricultura Camponesa construído por suas militantes. No entanto, a dimensão do poder nas relações sociais, a hierarquias de papéis e a forma como o trabalho dos membros da família é concebido dentro das famílias camponesas impedem que muitas mulheres coloquem em prática o que está presente em seus discursos militantes. São aspectos que constroem a barreira principal que impede que muitos outros casos como o sistematizado nesse artigo. Nessa experiência, ficou perceptível que sua participação na produção agroecológica se deve a construção de uma forma de gestão produtiva e financeira mais horizontal, o que desconstruiu hierarquias por décadas inquestionáveis e permitiu uma real aproximação e inserção da jovem na agricultura.

As atividades realizadas pelas mulheres em sistemas alternativos de produção, conforme já observado por Stropasolas (2011), a medida que vão crescendo em importância econômica tendem a inserir o trabalho das mulheres no espaço dito produtivo e aumentar a participação das mulheres nos espaços de decisão circunscritos à dinâmica sucessória da unidade familiar. Pelo observado, essa mudança nem sempre é possível sem uma transformação de percepção que permite o rompimento real das diferenças



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



de gênero e geração dentro da família. Esse rompimento leva ao entendimento de que o trabalho familiar não é mais um trabalho para o outro, mas de fato para todo o conjunto da família. Isso questiona a hierarquia interna da família baseada na dimensão do poder e leva a mudanças no próprio entendimento do que caracterizava o campesinato como tal.

Foram apontadas mudanças que demonstram uma experiência em curso, de gestão compartilhada da propriedade rural com participação da mulher e dos jovens. Notou-se que a permanência no meio rural e a participação nas atividades produtivas não detiveram caráter de obrigação ou pressão e prevalência de um projeto familiar em detrimento das escolhas individuais. Na realidade demonstra-se que atualmente as tradições e costumes se tornam mais flexíveis para que uma nova forma de fazer agricultura permita uma real inserção da juventude.

### Considerações finais

Ao se olhar para a juventude, notam-se elementos que ajudam a compreender e identificar condições mínimas necessárias para a sua permanência no campo, pois algumas mudanças são centrais também em modelos produtivos baseados na agroecologia. Isso porque é percebido que o produtivo é também social, e historicamente costuma ser com base em relações e construções sociais de gênero e geracionais desiguais que se constroem as relações do trabalho familiar no rural. Assim, ao encontro das transformações produtivas, foi possível entender o papel da militância de duas gerações de mulheres e do diálogo para a construção e prática mais horizontal no desenvolvimento de sistema produtivo alternativo. Isso porque a militância política contribuiu para uma convergência de perspectiva entre os membros familiares a partir de ideias e reflexões de que o meio rural também é um meio de vida e de diversidade. Assim, foi possível a emergência de uma estratégia diferenciada de gestão familiar, a partir de preceitos de igualdade e horizontalidade na participação e tomada de decisões, para que todos encontrem no espaço rural o seu próprio espaço.

### Referências bibliográficas

- AGUIAR, V.V.P; STROPASOLAS, V. L. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Ed. BestBolso, 2014.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 3**

Juventudes e Agroecologia



BRUMER, A.; PAULILO, M.I.S. As agricultoras do Sul do Brasil. **R. Estudos Feministas**, v.12, n.1, p.171-174, jan.-abr./2004.

SCOTT, P; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (orgs). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos? **Educação e realidade**. v. 15, n. 2, p. 71- 89, jul.- dez. /1990.

STROPASOLAS, V.L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**, Ed da UFSC. Florianópolis. 2006.

STROPASOLAS, V.L. **Um marco reflexivo para a inserção social da juventude rural**. In: CASTRO, E. G. de; CARNEIRO, M. J. Juventude Rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

STROPASOLAS, V.L. **Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar**. In: Juventude na construção da agricultura do futuro. R. Agriculturas, v. 8, 2011.